

# Discurso de recepção, no Instituto do Ceará, ao sócio efetivo Fernando Luiz Ximenes Rocha

FILOMENO MORAES\*

## I

Permitam-me começar anunciando o meu desvanecimento e a minha gratidão pela incumbência que recebi para, em nome dos confrades do Instituto do Ceará, saudar o seu novo membro, o desembargador e professor Fernando Ximenes. De modo extremamente honroso e prazenteiro, cumpro, pois, a tarefa, conseqüência da “conspiração” de deferência a mim, estabelecida entre o novo confrade e, à frente, o seu presidente José Augusto Bezerra, a diretoria do Instituto do Ceará, a que não faltou a porção de autoria intelectual do mestre Paulo Bonavides.

Consintam-me, também, que lhes diga preliminarmente que, graças à magnanimidade dos meus pares, aqui fui acolhido há quase três anos. Ao descer desta tribuna, ungido com a recepção nesta casa de cultura, senti-me, como na referência machadiana, com a glória que fica, eleva, honra e consola. Na ocasião, saudou-me Marcelo Caracas Linhares em quantidade tão generosa que só o apreço que nos unia justificava. Destarte, confesso-lhes a minha sensação, dolorida, de que a sua desapareição fez a mim mais desamparado, a este Instituto lacunoso e ao mundo menos elegante, menos bem-humorado e menos sábio.

Em adendo, ressalto ainda que as galas desta noite não diminuem a falta que nos faz Rubens Azevedo, cuja vaga ora se preenche. A tudo, no acervo de separações, acrescido da ausência do entusiasmo e da alegria de Eduardo Campos. Consola-nos, porém, saber que o farol da cultura tem continuidade nas mãos dos seus sucessores.

---

\* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

## II

Como parte inicial da minha *laudatio*, quero dar encaminhamento ao deslinde de um dilema e proporcionar a satisfação a uma curiosidade.

Quanto ao dilema, trata-se, de um lado, do dever da brevidade, e, do outro, do dever de, como tarefeiro do Instituto do Ceará, proceder com inteireza à faina de estender-me, em extensividade e intensidade, sobre o *curriculum vitae* e o *cursus honorum* do novo sócio, tão cheio de aspectos a realçar e de atividades a salientar. Resolvo a minha angústia, valendo-me, nesta casa de historiadores, da sabedoria de nume que os inspira desde a Antiguidade. Para justificar-me, invoco, assim, Plutarco, que acentua que, “se são os homens que nos ensinam a falar, são os deuses que nos ensinam a calar”,<sup>1</sup> e, encarecendo os perigos existentes no ato de falar demais, sentencia que, “entre outras paixões e doenças, algumas são perigosas, outras são detestáveis e outras ainda são ridículas, mas aos que sofrem de tagarelice calham todos os males”.<sup>2</sup>

Quanto ao segundo ponto, certamente, se pergunta por que, entre mestras e mestres veneráveis que são os demais membros deste Instituto, gente grande de substância e prumo, justamente tenha sido o discípulo mais acanhado o eleito para realizar esta saudação. Na verdade, tenho sido fundamentalmente um humilde mestre-escola que, se tivera algum mérito, constituiria em pôr em prática a lição – lida pela primeira vez no Ginásio Santo Antônio do Chaval – daquele Rui Barbosa do discurso do Colégio Anchieta de Petrópolis, segundo o qual “(...) a suprema santificação da linguagem humana (...) está no ensino da mocidade. O lavrador deste chão devia amanhá-lo de joelhos”.<sup>3</sup>

Assim, desde logo, lhes resolvo a curiosidade justificável sobre a minha escolha para realizar este cumprimento solene. Digo-lhes que a razão foi, certamente, ou unicamente mesmo, decorrente da trajetória

---

<sup>1</sup> PLUTARCO. *Sobre a tagarelice e outros textos*. São Paulo: Landy Editora, 2008. p. 18.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 20.

<sup>3</sup> BARBOSA, Rui. *Discurso no Colégio Anchieta*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981. p. 23. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br>>. Acesso em: 5 jul 2008.

de vida – lastreada em muitos momentos pela experiência intelectual, profissional e cívica comum – que, avizinhando Fernando Ximenes e eu no agora já distante ano de 1974, mantém-nos, pelo milagre da amizade, próximos desde então.

De fato, contemporâneos e coetâneos, os nossos percursos existenciais se ligam em muitos pontos, de modo que, ao falar do novo sócio do Instituto do Ceará, estarei, em alguma medida, também a falar de mim. E, para que a murmuração não espalhe que fui um orador que, em vez de falar do homenageado, falou de si próprio, apóio-me no bastão que me oferece João Guimarães Rosa, quando, fazendo o elogio a João Neves da Fontoura, alegava:

[...] Para tanto, terei de à-pauta citar-me. Embora. No que refiro, sub-refiro-me. Não para a seus ombros aprontar minha biografia, isto é, retocar minha caricatura. Não eu, mas mim. Inábil redutor, *secundarum partium*, comparsa, mera pessoa de alusão, e há de haver que necessária. O espelho não porfia brilhar nem ser; mas, por de-fim, para usação, bem tem de relustrar-se. Direi.<sup>4</sup>

### III

A ação dialógica entre mim e Fernando Ximenes amanheceu na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, por volta dos meados dos anos 1970. O que nos aproximou foi François Mitterrand. Lembro-me, como se fosse agora, da manhã em que um de nós portava um jornal alternativo – um “nanico” – que trazia uma reportagem de capa sobre a segunda derrota do socialista francês numa eleição presidencial, desta feita para o direitista Valéry Giscard d’Estaing. O muro de lamentações que erguemos então, sobre a derrota daquele que foi um dos maiores estadistas do século XX, iniciou uma duradoura amizade.

Aliás, 1974 foi um ano em que os brasileiros vivemos perigosamente. Em 15 de novembro, o eleitorado deu um solene “não” à coerção e à sedução da ditadura militar inaugurada dez anos antes, elegendo dezesseis senadores de oposição – inclusive o nosso con-

<sup>4</sup> ROSA, João Guimarães. *Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras* (16/11/1967). Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 26 set 2008.

sócio Mauro Benevides – e mais de um terço dos deputados federais, o que criava novas situações para a “distensão lenta, gradual e segura” com o que o general Ernesto Geisel conclamara a imaginação criadora dos políticos. Aparentemente monolítico e popular, o regime castrense perdia o seu caráter hierático, a sua arrogância triunfalista. Eufóricos, aplaudíamos as rachaduras no edifício da intolância e do despotismo.

Estudantes de Direito, desde então, já estávamos atraídos por este, que, à época, tomando de empréstimo a expressão do verso de louvação de Carlos Drummond de Andrade a Afonso Arinos de Melo Franco, era o “direito mais precário/(o tal constitucional)”.<sup>5</sup> Como bem verberava Paulo Brossard de Souza Pinto da tribuna do Senado Federal, acicando a nossa consciência jurídico-política em formação, a situação constitucional do país, pela conjunção extravagante da existência de uma constituição outorgada a par de uma congêrie de atos institucionais e complementares, assim se estabelecia:

[...] o regime que pretenderam instituir em nosso País, reunindo, a um tempo e no mesmo documento, a suposta legalidade e o puro arbítrio, a convivência de duas ordens, uma pretensamente constitucional, a outra declaradamente extralegal, tinha de dar no que deu, pela singela razão de que elas são incompatíveis, excluem-se reciprocamente, motivo pelo qual, em verdade, as duas ordens nem são duas, nem são ordens: a desordem é uma só. [...] <sup>6</sup>

Com um grupo de colegas na Faculdade de Direito, éramos “resistentes”. Armados com a ideologia do retorno ao Estado de Direito e à democracia, lutávamos a nossa luta desarmada, imbuídos da retórica de Cícero, quando reiterava, em **Dos deveres**, que “cedam as armas à toga, conceda-se o louro ao louvor”.<sup>7</sup> Também, muito mais, nos considerávamos, ao mesmo tempo, devedores e credores solidários daquilo que Teotônio Vilela, o republicano “menestrel das Alagoas”, tão bem

<sup>5</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Afonso Arinos, setentão*. In: FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Alto-mar, maralto: memórias*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976. p. XV.

<sup>6</sup> Discurso “É tempo de mudar”, pronunciado no Senado Federal em 6/5/1997. In: VALS, Luiz Fernando Montenegro. *Brossard: 80 anos na história política do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. p. 277.

<sup>7</sup> CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 39.

resumiu e verberou como as quatro “dívidas”, a saber, a “externa”, a “interna”, a “social” e a “política”.<sup>8</sup>

De qualquer modo, aqueles “tempos sombrios” se compensavam com a quadra da existência que vivenciávamos, pois, no dizer do aedo das ribeiras do Acaraú, “Quando partimos no verdor dos anos,/Da vida pela estrada florescente,/As esperanças vão conosco à frente (...)”.<sup>9</sup> Além do estudo do Direito e do interesse pela Política, valorizávamos a beleza da vida em tantas das suas demonstrações eloqüentes, na natureza e na cultura, na música, na literatura, no companheirismo, na amizade e no amor (o último, no meu caso sintetizado no, até agora talvez o meu único “valor invariante”, que tem sido a minha mulher Goretti).

Estou com aquele sapientíssimo Agostinho de Hipona, para quem “o espírito é a memória”<sup>10</sup> e “a memória lembra-se de se lembrar”.<sup>11</sup> Autorizem-me, assim, recordar alguns outros fatos que marcaram a trajetória de Fernando Ximenes nas atividades profissionais e cívicas, a que, de algum modo, também estou ligado.

Fomos entusiastas da campanha das “diretas-já”, com a frustração que se lhe adveio. Sensibilizava-nos a veemência parlamentar dos “autênticos” do Movimento Democrático Brasileiro-MDB. Porém, as nossas esperanças inflacionadas tiveram de, realisticamente, aceitar a “transição por transação”<sup>12</sup> liderada por Tancredo Neves.

No Ceará, acompanhamos com vivo interesse a intromissão alvissareira do seu então governador nas vicissitudes da sucessão nacional, que – enfim, as armas cedendo à toga – possibilitou a transferência do poder militar ao poder civil. Observamos, a partir dos resultados eleitorais de 1986, aquilo que a Ciência Política mais conspícuo já chamou de a nossa “americanização”, para dizer da dialética

<sup>8</sup> Ver FEHLBERG, Carlos. *Teotônio Vilela, o senador que tentou mudar o Brasil*. Disponível em: <<http://www.politicaparapoliticos.com.br>>. Acesso em: 22 maio 2008.

<sup>9</sup> THOMAZ, Padre Antônio. *Contraste*. In: RAMOS, Dinorá Tomaz. *Padre Antônio Thomaz: príncipe dos poetas cearenses*. Fortaleza: Tipografia Paulina Editora, 1950. p. 61.

<sup>10</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*; De magistro. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 181.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 180. Cf., também, AUGUSTIN, Saint. *La trinité* (livres VIII-XV). In: AUGUSTIN, Saint. *Oeuvres de Saint Augustin*. S/l: Études Augustiniennes, 1991. v. 16.

<sup>12</sup> Cf. MORAES, Filomeno. *A construção democrática*. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1998.

das estruturas e dos processos – ora com saltos *para frente*, ora com saltos *para trás* - de modernização política, econômica e administrativa.<sup>13</sup>

Ainda nos anos 1980, com a criação do Comitê Pró-Constituinte, ajudamos a proporcionar no Ceará, sob a liderança do então presidente do Conselho Seccional da Ordem Advogados do Brasil, Sílvio Braz Peixoto da Silva, o debate vertical do processo constituinte. E nos alegramos porque, ao fim e ao cabo, o país recebeu, no dizer de Paulo Bonavides, “ao revés do que dizem os seus inimigos”, aquela que é a “melhor das Constituições brasileiras de todas as nossas épocas constitucionais”.<sup>14</sup>

Evidentemente, digo eu, não se pode deixar de ver, no Brasil como um todo e, em especial no nosso Estado, a incompletude da democracia política, os gargalos do desenvolvimento econômico, a iniquidade dos indicadores sociais. Mas a grande batalha da nossa geração – a busca da democracia política e do Estado de Direito – foi ganha. Hoje, com todos os cuidados que devemos ter na busca da sua qualificação, podemos dizer que não tem mais sentido a *boutade* de Sérgio Buarque de Holanda, segundo a qual “a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido”.<sup>15</sup>

Revolvendo as diversas camadas de névoas do passado, podemos dizer aos nossos filhos e aos nossos alunos como o velho timbira da saga de Gonçalves Dias, que, “(...) à noite nas tabas, se alguém duvidava/do que ele contava,/Tomava prudente: ‘Meninos, eu vi!’”<sup>16</sup>

#### IV

Fernando Ximenes chega a esta Casa credenciado pela construção exitosa de uma vida privada, marcada pela decência e pela res-

<sup>13</sup> Cf. BONFIM, Washington Luís de Sousa. *Qual mudança?: os empresários e a americanização do Ceará*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Ciência Política apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro-IUPERJ, 1999.

<sup>14</sup> BONAVIDES, Paulo. *Teoria constitucional da democracia participativa*. São Paulo: Malheiros Editores, 2001. p. 204.

<sup>15</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 161.

<sup>16</sup> DIAS, Antônio Gonçalves. *Poesias completas de Gonçalves Dias*. Goiânia: Waldré, 1981. v. II. p. 136.

ponsabilidade. E por uma carreira vitoriosa na vida pública: na magistratura, no magistério e na doutrinação do direito, na formação da opinião pública. Sem favor, é um dos homens públicos mais importantes do Ceará, como membro do Tribunal de Justiça e atual presidente do Poder Judiciário, professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, autor de livros e artigos publicados em revistas científicas, em que fere, entre outros temas, o controle de constitucionalidade, os direitos fundamentais, a tolerância à liberdade de expressão e os seus limites.

Por dever de justiça, é necessário salientar que foi eleito, consagradamente, para este Instituto do Ceará não por ser um expoente social, mas, sim, pelos seus méritos intelectuais, pelo seu saber jurídico, pela sua cultura humanística, pelo seu compromisso com a cearensidade e pela sua dignidade. Por conseguinte e em contrapartida, são grandes as expectativas que o cercam e grandes as responsabilidades que o aguardam ao tornar-se Sócio efetivo de uma instituição que, por imperativo estatutário, deve dedicação ao estudo e à difusão da História, da Geografia, da Antropologia e das ciências correlatas, especialmente no que se refere ao Estado do Ceará.

A propósito das graves obrigações daqueles que ingressam neste Instituto, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, filho, o seu décimo-terceiro Sócio efetivo, e seu presidente de 1908 a 1929, já alertava no discurso de posse no tocante à “legião dos *espíritos contentes*, que se reputam na posse de quase todas as verdades”, com o conseqüente “entorpecimento das faculdades racionais”.<sup>17</sup> E prevenia-nos, aos seus pares coevos e aos do futuro, que, nesta Casa, “as indagações estereis ou simplesmente deleitáveis devem ceder procedência à ciência da vida e à do homem como ser social”.

## V

Induvidosamente, jungido à geografia e à história do Ceará, este Instituto está marcado, também, pelo sinal da “elegia cearense”, de que nos fala o poeta:

---

<sup>17</sup> BRASIL, Tomás Pompeu de Sousa. Discurso de posse como sócio efetivo (12/3/1889). *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. III, p. 81, 1889.

[...]  
Ai Ceará  
teu nome está em nós como um sinal  
de sangue, sonho e sol.  
Chão de lírios e espadas flamejantes;  
território que Deus arranca dos demônios,  
mulher dos andarilhos, dália da canícula,  
em nós tu mil rorejas. Pousas. És canção.<sup>18</sup>

Ou do “caminho” inevitável de que nos fala o verso de Dimas Macedo:

Aquele era meu caminho,  
entre estradas batidas e fatigadas,  
com rostos que imploravam,  
e a fisionomia de todos era como a fome.<sup>19</sup>

Longe de mim, quando falo de *cearensidade*, estar nostálgico, a invocar fantasmas do passado, a acenar com sentimentos tribalistas ou isolacionismos tradicionalistas, a proclamar veleidades secessionistas de qualquer natureza. Pelo contrário, vivo o presente e perscruto o futuro, com o espírito fixado naquelas palavras daquele que foi também o maior cantor das belezas da nossa Ibiapaba,<sup>20</sup> o padre Antônio Vieira, que, menos constatava e mais profetizava, ao dizer que:

Este mundo, Senhores, composto de tanta variedade de estados, ofícios e exercícios públicos e particulares; políticos e econômicos; sagrados e profanos; nenhuma outra cousa é senão uma praça, ou feira universal, instituída e franqueada (...) a todos os homens. (...) <sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> BENEVIDES, Artur Eduardo. *Canto de amor ao Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1985. p.15.

<sup>19</sup> MACEDO, Dimas. *Sintaxe do desejo*. Fortaleza: Edições Poetaria, 2006. p. 27.

<sup>20</sup> Cf. VIEIRA, Padre Antônio. *Missão de Ibiapaba*. Coimbra: Almedina, 2006.

<sup>21</sup> Sermão da Rainha Santa Isabel, pregado em Roma, na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses em 1674. In: VIEIRA, Padre Antônio. *Sermões*. Porto: Lelo & Irmãos, 1959. v. III. p. 386.

Tenho a certeza, contudo, de quem quer falar para o mundo não pode prescindir da sua aldeia, que a realização do universal está mesmo em função do que fazer regional e local. Adredemente, retiro de um, já antigo, livro de memórias romanceadas de Coelho Neto a afirmação de cearensidade que, *mutatis mutandi*, o espírito desta instituição não pode olvidar. É a conversa travada, no final do século XIX, entre uma legião de infelizes, patrícios nossos que, fugidos da seca, no Rio de Janeiro, foram visitados ainda no navio que os levava pelo personagem Neiva (na verdade, Paula Ney). Assim o memorialista reproduz o diálogo:

- Vocês aqui estão muito bem; a terra é boa, a gente é boa, ganha-se muito dinheiro. Depois é o mesmo Brasil. Vocês não são brasileiros?

Um velho, com uma longa camisa que lhe descia aos joelhos por cima das calças, acenou com o dedo negativamente:

- Nhôr não.

- Como! Então você não é brasileiro, velho?

- Cearense té morrê! disse atirando uma cusparada por entre os dentes.

- Então o Ceará não é uma província do Brasil, velho?

- Inche! Ceará é dele só... té morrê. E foi-se resmungando convenientemente. Té morrê. O Neiva rompeu a rir e perguntou:

- Até morrer, hein?

E o velho, de longe, sacudiu a cabeça, repetiu:

- Té morrê!

[...] <sup>22</sup>

Também recordo Gustavo Barroso – que, nas suas próprias palavras, também veio ao mundo nesta “terra de sol e de dor” –, quando fala do seu encontro com Araripe Junior, célebre intelectual cearense radicado no Rio de Janeiro:

[...] Repórter e redator de jornal, vim conhecê-lo nesta grande cidade, sempre atarefado e apressado, com uma carga de livros, de papéis ou de jornais debaixo do braço. Era preciso chamá-lo para que visse a gente: “Dr. Araripe!” Então, parava, consertava as lunetas: “Oh, como vai?” Ainda me lembro duma vez em que tomamos café juntos, no antigo Jeremias. Falei-lhe do *Cajueiro do Fagundes*, novela

<sup>22</sup> COELHO NETO. *A conquista*. Porto: Chardron, 1921. p. 362-363.

colonial passada na capital cearense, onde ainda a Rua do Cajueiro rememorava o episódio histórico em que a baseara. Acabava de publicá-la em folhetins.<sup>23</sup>

Veio então a admoestação de um dos expoentes da crítica literária brasileira de então, a repercutir sobre nós, principalmente o que compomos este Instituto:

Disse-me: “O Ceará vive sempre dentro de nós, por mais que nos afastemos dele. Às vezes teima em sair e sai!” E, despedindo-se: “Menino, ponha logo para fora o Ceará que você traz aí dentro!” [...]<sup>24</sup>

A mim, não me custa crer que este é o mote que temos que glosar: pôr para fora o Ceará que trazemos em nós! Talvez seja a hora de, para o bem, levarmos a sério a observação de Rachel de Queiroz, na crônica “Mineiros”, em que afirma que “[...] mil deles não causam o incômodo de dez cearenses. Não gritam, não empurram, não seguram o braço da gente, não impõem suas opiniões [...]”<sup>25</sup>

## VI

Fernando Ximenes é um homem do Direito. Destarte, pelo que foi e pelo que é o Instituto do Ceará, aqui ele encontrará um remanso também de pessoas do Direito.

Esta, caro consócio Fernando Ximenes, é também uma casa de bacharéis. Foram e somos tantos, que o seu ingresso é também uma homenagem a todos, aos que foram e aos que somos. Simbolicamente, e por pura discrição, vocalizo por todos, entre os que já se foram, o nome daquele sementeiro que, saindo a semear, sobretudo semeou universidades no nosso Ceará, Antônio Martins Filho; e o nome daquele que, entre nós, proporciona sabedoria e encantamento, o nosso professor na Faculdade de Direito e ao longo das nossas existências de pessoas interessadas no direito político, Paulo Bonavides.

---

<sup>23</sup> BARROSO, Gustavo. *Discurso de recepção ao acadêmico Pedro Calmon na Academia Brasileira de Letras* (10/10/1936). Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 26 set 2008.

<sup>24</sup> Ibid.

<sup>25</sup> QUEIROZ, Rachel de. *100 crônicas escolhidas*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; INL, 1970. p. 56.

## VII

Senhoras e Senhores,

O Instituto do Ceará, ao receber Fernando Ximenes, determina que eu lhes enfatize que houve por bem chamar ao seu convívio um grande cearense.

Meu prezado e eminente amigo Fernando Ximenes,

Com o mandato imperativo que recebi para saudá-lo, proclamo, como a suma das sumas deste momento, que o seu ingresso no Instituto do Ceará nos dignifica, nos engrandece e nos garante a continuidade dos nossos objetivos e dos nossos compromissos com a cultura cearense.

Seja bem-vindo!

